

FOLIAS DO NORTE, DO PARANÁ



FOLIAS
DO NORTE,
DO PARANÁ

FOLIAS DO NORTE, DO PARANÁ

Lia Marchi :: Gilson Camargo

1ª edição | Curitiba

Ministério do Desenvolvimento Agrário

Olaria Projetos de Arte e Educação

2012

Esta obra está legalmente protegida no que concerne à propriedade de seus direitos autorais e editoriais. A reprodução parcial de seu conteúdo – exclusivamente para finalidades educacionais e culturais – é permitida desde que citada a fonte. Todos os direitos estão reservados, conforme a legislação brasileira de direitos autorais e acordos internacionais pertinentes, para

© Lia Marchi, Gilson Camargo

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



ISBN 978-85-60548-92-7



OLARIA
projetos de
arte e educação

ISBN 978-85-89124-03-4

Novembro de 2012

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Dados catalográficos na fonte – Celia Regina Carrano de Oliveira – CRB9-898/PR

M317f Marchi, Lia
Folias do Norte do Paraná / Lia Marchi, Gilson Camargo. - Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.
96p.; il., color.

Inclui documentário em DVD
ISBN 978-85-60548-91-0
ISBN 978-85-89124-03-4

1. Folia de Reis – Paraná (Norte). 2. Festas populares.
3. Música folclórica. I. Camargo, Gilson. II. Título.

CDD (19.ed.) 394.2682

Índices para catálogo sistemático

1. Festas populares 394.2682

Esta pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto de Cooperação Técnica BRA/IICA/10/001 – Consolidação de uma agenda de desenvolvimento rural sustentável e solidário – EEN – Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA

O projeto Folias do Norte do Paraná documentou nove companhias de Reis desta região do Estado com o objetivo de registrar em áudio, foto e vídeo as práticas e os saberes destes grupos.

No período entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, uma equipe de pesquisa acompanhou o giro das companhias, as visitas às casas, as chegadas de bandeiras, entrevistando foliões, moradores, festeiros.

O primeiro resultado dessa pesquisa foi divulgado no *website* <www.foliasnorteparana.com.br>, endereço que congrega mais de 400 fotos e 120 filmes, além de textos e mapas.

Agora, faz-se oportuno lançar este livro com imagens marcantes dos nove grupos e um documentário sobre o rico universo das folias de Reis do Norte do Paraná.



O tema da memória e as iniciativas de registro e salvaguarda do patrimônio imaterial e de saberes populares vêm ganhando importância cada vez maior na atualidade.

Diante desse cenário, e reconhecendo a relevância de nele atuar, o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário (NEAD/MDA) mantém a linha de pesquisa “Memória e Cultura Popular”, em parceria com instituições diversas por todo o Brasil. Um exemplo de destaque é o projeto Folias do Norte do Paraná, desenvolvido em conjunto com a Olaria Projetos de Arte e Educação. Ao propor documentar as Folias de Reis dessa região, contribui para a valorização e divulgação das expressões culturais do campo e de sua diversidade.

Ao compartilhar esses saberes e essas memórias, inicialmente no *website* <www.foliasnorteparana.com.br> e agora nesta publicação, a documentação das Folias colabora com o propósito da consolidação de uma agenda de desenvolvimento rural sustentável e solidário, em que as políticas públicas reconheçam e incorporem essa diversidade do mundo rural.

Registrar e difundir, dando mais visibilidade a esta e outras tradições populares, implica vários pontos positivos. Entre eles, o de mostrar para a sociedade que o trabalhador rural tem uma participação expressiva na construção da história do país. Mais ainda, estimula a percepção de que o homem do campo tem uma identidade com o seu contexto que o leva a superar obstáculos e que, com frequência regular, ativa a memória cultural das comunidades por meio de suas expressões artísticas.

Neste livro, assim como no documentário que o acompanha, encontram-se os caminhos da pesquisa e os registros de grupos paranaenses numa rota que inclui Londrina e Maringá, duas das principais cidades da região e do estado. Nelas e entre elas, a presença do campo – latente nos homens e nas mulheres que colonizaram o Norte do Estado, desbravaram as matas, trabalharam na terra vermelha e construíram as cidades.

Joaquim Soriano
Diretor do NEAD/MDA



A Caixa Econômica Federal, empresa socialmente responsável, orgulha-se de apresentar à sociedade brasileira um continuado histórico de incentivos a projetos culturais e sociais.

Nessa linha de ação, a CAIXA gera condições para estimular a cidadania e a inclusão cultural, trabalhando, assim, com a preocupação de atingir um público amplo nas diferentes regiões do país, respeitando a pluralidade cultural de cada uma delas.

A CAIXA escolhe parceiros que valorizam as raízes culturais cujas propostas devem despertar receptividade, estimular o desafio e, sobretudo, ofertar a ampliação de conhecimentos promovendo uma forte ligação entre as pessoas e os saberes.

Com este trabalho, ao incentivar o projeto Folias do Norte do Paraná desenvolvido pela Olaria Projetos de Arte e Educação e cujo resultado se concretiza neste livro acompanhado de um documentário, a CAIXA leva as tradições populares de grupos paranaenses para além das comunidades que lhes dão sentido, tornando-as conhecidas, fortalecidas e respeitadas.

Caixa Econômica Federal



Folias de Reis no Brasil

A folia de Reis provavelmente chegou ao Brasil nos primórdios da colonização, trazida pelos portugueses que ainda hoje costumam “cantar os Reis” ou “cantar as Janeiras” de porta em porta pedindo uma prenda.

Os Reis Santos, como são chamados por muitos, ganharam fama em quase todo o Brasil pelos milagres a eles atribuídos, contados por seus devotos que, cumprindo promessas, realizam festas, cortejos, ofertas e banquetes em sua honra. Dessa forma, a folia de Reis firmou-se no país como uma tradição que congrega não somente a expressão musical e literata do povo, mas também um conjunto sociocultural de formas de pensar, de viver e de interpretar o mundo, marcando na sua caminhada valores como a união entre os que compõem a comunidade, a experiência do homem com o sentido do divino, a partilha por meio da festa comunitária e o rito de passagem de um ano para o outro celebrado no agradecimento sincero e na promessa de continuar foliando Reis.

No Brasil, a folia de Reis também pode ser chamada de *companhia*, *embaixada*, *terno*, *bandeira*, entre outras denominações. Nesta tradição musical popular, um grupo de homens sai a pé, a cavalo ou de barco (e mais recentemente veículos motorizados como carros, caminhões, ônibus) visitando casas e fazendas, em geral no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro (dia de Reis), contando em versos e canções a viagem dos Reis magos que, seguindo a estrela de Belém, foram visitar o Menino Jesus recém-nascido.

Os componentes da companhia

O grupo de uma folia é composto por uma estrutura que pode variar. Na maioria das vezes, conta com um *embaixador* (ou mestre, capitão, folião de guia, etc.). Este é o responsável pela coordenação e pela obediência de todos às regras e procedimentos necessários à tradição. Ele é quem dá o verso que será respondido por seu *contramestre* (ou *contraguia*, entre outros nomes) completando os dizeres já conhecidos e muitas vezes improvisados, de acordo com as situações encontradas pelo grupo, na visita a uma casa.

Além deles, fazem parte da companhia figuras essenciais, como o *alferes* (ou *porta-bandeira*, *bandeireiro*, *estandarte*, etc.), encarregado de levar a bandeira dos Reis.

A bandeira tem imagens como os Santos Reis, a estrela de Belém, cenas do nascimento de Jesus, e é um símbolo do grupo, elemento sagrado, merecedor de grande respeito. Nela, a comunidade pendura fitas, flores, dinheiro, fotos em agradecimento à graça recebida. Muitos beijam e demonstram toda a emoção de recebê-la

em sua casa enquanto os foliões cantam em frente ao presépio ali instalado. A bandeira ajuda os foliões a cumprirem sua tarefa, no dizer de muitos deles. É ela quem guia e identifica a companhia, representando o Sagrado.

Muitas folias contam com o palhaço, em geral chamado *bastião* ou ainda *marungo*, figura de um mascarado que pode ter variação numérica e de gênero: um, dois, três, somente homens, um casal. Esta figura recebe explicações diversas dos guias. Alguns dizem ser um *brincante*, outros que a função dele é chegar antes da folia e orientar o guia. O palhaço é importante na embaixada. Tem grande ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a folia. Todavia, em algumas regiões do país, não se tem o costume de utilizá-lo nas companhias. Há guias que acreditam que o palhaço não deve aparecer por representar o diabo, sendo por vezes explicado como um soldado de Herodes que vai delatar a chegada do menino.

Além desses componentes, uma companhia é formada pelos *foliões*, que são os devotos que tocam diversos instrumentos como viola, violão, rabeca, cavaquinho, bandolim, sanfona, caixa, pandeiro, percussões diversas, entre outros.

Os foliões, além de tocar um instrumento, também cantam, auxiliando o embaixador e o contramestre em vozes que recebem diversas denominações. O embaixador inicia (puxa) os dois primeiros versos da quadra, completados (respondidos) pelo contramestre, cantando em dueto. A seguir, as demais vozes que recebem denominações como: *contrato*, *requinta*, *tala*, *talinha*, *tipe*, *contratipe*, *baixo*, entre outras, variam em número e em altura e acompanham formando o coro, repetindo todo o texto, ou os finais de frase.

Assim como a composição instrumental das folias é diversa, a composição vocal dos grupos também não é fixa. Um mesmo folião poderá cantar em diferentes vozes conforme a necessidade do grupo e, da mesma forma, mais de um folião poderá executar uma determinada voz. *Uma folia poderá ser cantada por quatro, cinco, seis ou mais foliões*. O nome atribuído às vozes na folia varia de região para região, e por vezes em grupos da mesma região.

A visita da folia

Em cada lar, os devotos seguem uma ordem preestabelecida de rituais, cantando versos conforme a situação encontrada: doenças, óbitos, nascimentos. Abençoam os presentes, cantam a viagem dos Reis, pedem a oferta, também chamada de *esmola* ou *prenda* (donativo angariado para uma finalidade específica, em geral para a realização de uma festa comunitária), e agradecem a comida, então oferecida pelos anfitriões.

A bandeira, trazida pela companhia, é recebida à porta da casa e entra nas mãos do morador. No presépio, a folia canta os versos da chegada e continua com improvisos conforme as necessidades da família. A bandeira, objeto de devoção, pode ser levada a todos os cômodos, como uma espécie de bênção e proteção. Muitas vezes os donos da casa pedirão aos palhaços que dancem em troca de ofertas e divirtam a assistência com suas entradas, rimas e gracejos. Não raro os devotos receberão os componentes do grupo com um café, ou para a refeição propriamente dita.

Antes de partir, a folia recebe a oferta daquela visita, e os foliões cantam a despedida com versos que falam do retorno para o próximo ano.

A companhia continuará sua viagem, com o compromisso de visitar a todos que abrirem as portas para *Santos Reis* entrar.

Festa e fé

Em geral, no dia 6 de janeiro, as folias encerram o *giro* (nome dado ao tempo e percurso realizado pela companhia), e a comunidade se reúne em uma festa organizada graças aos donativos recolhidos durante as visitas da bandeira. Juntos, celebram a passagem de mais um ano, o fechamento de mais um ciclo, os milagres concedidos e festejam a esperança de um futuro melhor.

A tradição de “tirar” uma folia de Reis está eminentemente ligada à vida do campo. Aborda temas como a relação do homem com a terra, com seus pares, com a fé; trata de questões como o auxílio mútuo e cooperativo entre os membros da comunidade, da realização da festa em regime de mutirão; simboliza o rito de passagem (de ano a ano, de colheita a colheita).

No Brasil, nas últimas décadas, transformações na estrutura da vida rural provocaram alterações e adaptações nas folias de Reis a fim de que continuassem a existir no campo ou nas cidades. Assim, elas seguem desafiando o tempo, mostrando a força do homem rural, a força da terra, da tradição e da fé.

As folias de Reis no Norte do Paraná

O Norte do Paraná

A região Norte do Paraná apresenta uma grande concentração de folias de Reis que mantêm a tradição de cantar o nascimento do menino Jesus e a jornada dos Reis magos, pedindo ofertas para a realização de festa comunitária.

Provavelmente, o Norte do estado poderá ser caracterizado não só como o maior foco de concentração de companhias, mas também de intercâmbios entre elas por meio de encontros, festivais, viagens para cantar em diferentes localidades, visitas de folias a casas de outros foliões.

Os foliões locais, especialmente os embaixadores (líderes dos grupos), com frequência expressam em seus discursos a história das famílias e das comunidades ao narrar as experiências dos giros das bandeiras e das migrações em busca de melhores condições de vida. Comentam que fazem folia desde pequenos, que aprenderam com os pais, os tios e os avós, que também cantavam em seus lugares de origem; contam da sua chegada na nova terra e do processo de instalação e de formação de uma nova companhia.

A colonização do Norte do Paraná, no que diz respeito à formação de cidades, é recente. Londrina (segunda maior cidade do estado) tem como fundação a data de 1934; Maringá, outra cidade de referência da região, data de 1947. Durante a colonização extensiva da região, lá se estabeleceram muitos migrantes de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, entre outros, a fim de trabalhar no cultivo do café, o que, aliás, explica a variação de *toadas* nas folias, chamadas de toadas mineira, paulista e baiana.

A economia da região, construída com base na agricultura, inicialmente focada no cultivo do café, sofreu uma quebra com a chamada “grande geada de 1975”, que destruiu as plantações, substituídas mais recentemente pela soja, altura em que a entrada do maquinário na produção agrícola da região alterou fortemente a configuração da vida rural.

Hoje encontramos muitas realidades sobrepostas neste cenário, em que convivem tanto a grande produção industrializada de soja que domina os campos quanto o pequeno agricultor que trabalha em terra de terceiros ou em sua pequena propriedade, produzindo víveres para sua subsistência, além do trabalhador que saiu do campo por não conseguir manter-se na terra e migrou para as cidades levando sua família.

Nesse contexto, as memórias e as práticas do campo estão presentes nos fazeres e saberes das folias de Reis e seus integrantes. O *giro*, período em que as folias seguem de casa em casa mantendo a tradição, é

para os foliões tempo de anunciar boas novas, e torna-se para a comunidade ocasião de vivenciar a família, os compadres e de fortalecer as relações entre seus pares.

As folias do Norte

A composição das folias na região compreende:

O embaixador: líder do grupo, responsável moral, intelectual, musical;

O contramestre: o principal ajudante do embaixador. Musicalmente ele responde ao verso e completa a poesia da quadra. Em geral, é o corresponsável pela organização da equipe;

O bandeireiro ou alferes: carrega a bandeira, o símbolo da santidade do grupo e, por vezes, é a figura que controla a organização das ofertas recebidas;

Os foliões: componentes que tocam e/ou cantam e têm o compromisso de acompanhar toda a jornada;

Os bastiões: os palhaços, figuras de mascarados que surgem como brincantes, organizam as ações das visitas da folia em cada casa, fazem quadras aos moradores, dançam pedindo ofertas e entretêm as crianças com brincadeiras;

Acompanhantes: devotos, familiares, amigos, passantes, que se juntam ao cortejo – não são considerados foliões, pois não têm a obrigação de permanecer no giro total do grupo.

Por vezes aparece a figura do **festeiro**, responsável pela organização das festas comunitárias que acompanha e/ou organiza a folia.

Em geral, as folias do Norte são formadas por homens de 40 a 70 anos, que identificam sua origem familiar no campo, que trabalharam ou trabalham na lavoura, que estão aposentados e/ou tiveram que procurar ocupação no meio urbano.

Atualmente, a maioria destas folias é formada por moradores de bairros periféricos, que transbordam um contexto completamente diferente da área central de cidades como Londrina e Maringá. Em ambientes que misturam a vida do campo e a da cidade, muitos cultivam pequenas hortas nos quintais, cantam em duplas caipiras, vivem de pensões ou pequenos trabalhos informais.

Nota-se um esforço dos foliões no sentido de mobilizar novas gerações para integrarem as folias e aprenderem o “ofício” de seus pais e avós a fim de darem continuidade à tradição. A participação de jovens, que diminuiu nas últimas décadas, ainda é pequena, mas é possível observar uma presença efetiva das crianças das famílias de foliões e um residual destas que permanece no grupo durante a adolescência, afirmando seu propósito de continuidade.

Folias – os espaços da tradição

As folias de Reis tradicionalmente saíam de 24 de dezembro, à meia-noite, até 6 de janeiro, dia de Reis. Nos dias que correm este período têm se estendido, e alguns embaixadores iniciam a caminhada antes do Natal e com frequência terminam após o dia de Reis. Tradicionalmente as companhias caminhavam de noite, numa alusão à viagem dos magos, mas, por agora, muitos grupos saem de dia, nos fins de tarde e nos fins de semana. Estas mudanças ocorrem por uma série de fatores, dentre os quais se destacam:

A) a diminuição do número de folias *versus* o aumento do contingente populacional das comunidades, o que faz com que muitas companhias recebam convites a que não conseguem atender dentro do período habitual e, para não deixarem de fazer a visita às casas que desejam receber a bandeira, optam por estender o giro do grupo;

B) mudança nas jornadas de trabalho dos componentes, muitos dos quais trabalham na área urbana, para um patrão e não mais no campo, em sua própria produção. Assim, não podem se ausentar durante um longo período, tendo que conciliar as saídas com as necessidades do emprego;

C) fatores que impedem o deslocamento durante toda a noite: a presença de drogas e violência urbana em algumas localidades, bem como, em outros casos, a lei do silêncio.

Um fenômeno que vem se estabelecendo e ganhando força no interior do estado, notadamente no Norte, é o “concurso”. Organizados por igrejas e prefeituras, reunidos em espaços como ginásios de esportes, os grupos cantam e se apresentam, concorrendo segundo um regulamento. Eles geram alguma polêmica, mas muitos são os inscritos e grande é a expectativa de se obter uma posição de destaque. O fenômeno tem seus adeptos e críticos. Dentre os pontos destacados pelos foliões como positivos é que, em decorrência desses eventos, existe a oportunidade de encontrar muitos grupos em um só lugar e a projeção das companhias junto à população. Dentre os pontos negativos, está a competição, que, por vezes, gera mudanças nas práticas das folias, às vezes instauradas apenas para obter uma melhor colocação nesses eventos, causando frustração a muitos grupos e embaixadores com o resultado. Em algumas localidades, vêm se transformando gradativamente em encontros, priorizando a apresentação dos grupos, mas sem a atribuição de prêmios.

Também por conta dos concursos que acontecem em geral durante janeiro e fevereiro, o tempo das folias de alguma forma se estende e os grupos se reúnem para cantar em um período mais alargado, embora pontual.

Ainda hoje as companhias são, em geral, formadas por dois elos: famílias e compadres. Assim, o sistema de entrada nos grupos é por parentesco ou conhecimento e pertença à comunidade. No discurso dos embaixadores, observa-se o grande cuidado na escolha de um folião e destaca-se a responsabilidade do embaixador ao levar não raro 12 a 15 elementos, além de alguns seguidores, nas visitas às casas das pessoas.

O acompanhamento da folia de Reis, formado por familiares, amigos ou transeuntes, é também uma forma de encontro entre os membros das comunidades. A folia ocupa o espaço público – as ruas, as estradas, os caminhos – e permite que se junte à caminhada todo aquele que deseje seguir a bandeira. Nos dias atuais, os cortejos diminuíram, mas quando uma folia tem data marcada para sua passagem por uma localidade, ela ganha força e representatividade.

A relação das folias com os poderes institucionalizados como a Igreja e o Estado também vem se modificando ao longo das últimas décadas. No que concerne à Igreja Católica, desde sempre as práticas das folias de Reis coexistiram com períodos de harmonia e de desentendimentos. Ao mesmo tempo em que a folia aproxima os fiéis da religião, as práticas não ortodoxas dos grupos – cujo compromisso, na palavra dos embaixadores, “é com os Santos Reis” – incomodavam muitos padres que não apoiavam esta manifestação. Recentemente, percebe-se a aproximação dos padres e dos foliões. Alguns deles acompanham efetivamente o giro, incentivam que a bandeira faça sua saída na igreja e cedem espaço das congregações para a realização das festas.

Com relação ao Estado, cada vez mais, a pressão em relação à construção de políticas públicas que apoiem as culturas populares, bem como a percepção dos próprios grupos de uma obrigatoriedade do poder público em dar suporte a essas expressões têm fomentado muitas demandas dos grupos locais. Os apoios ainda são pontuais e frágeis em relação ao esperado pelos foliões.

Dessa forma, a marcante falta de documentação e registro das companhias da região começa a ser percebida pelos órgãos oficiais ligados à cultura e à preservação do patrimônio e pode-se dizer que existe uma sensibilidade com relação ao tema.

Folia pelos foliões

Ao documentar as folias de Reis do Norte do Paraná, nos deparamos com a importância da cultura popular. Seus componentes são agentes vivos que interagem nas comunidades com ações que integram e não excluem, que reciclam, recontam, vivem a tradição. Prova disso são os depoimentos dos embaixadores, foliões e moradores. Eles nos mostram um rico universo que precisa ser mais difundido, os caminhos percorridos, os obstáculos, as dificuldades vencidas. O encontro com esses grupos nos leva a uma reflexão sobre as nossas próprias questões a respeito do campo, da cidade, da festa e da cultura do Brasil rural.

Lia Marchi





Alvorada

Diz-se *alvorar* a bandeira, abri-la, iniciar a jornada de um ano, começar o giro. A Alvorada, muitas vezes, é também um toque e o rito que marca o início de cada dia de caminhada.





Bandeira

A bandeira tem imagens como os Santos Reis, a estrela de Belém, cenas do nascimento de Jesus e é um símbolo do grupo, elemento sagrado, merecedor de grande respeito. Nela, a comunidade pendura fitas, flores, dinheiro, fotos em agradecimento à graça alcançada. É recebida à porta da casa pela família visitada e entra pelas mãos do morador. Objeto de devoção, pode ser levada a todos os cômodos, como uma espécie de bênção e proteção. Muitos beijam e demonstram emoção enquanto os foliões cantam em frente ao presépio ali instalado. A bandeira ajuda cada folião a cumprir sua tarefa, no dizer de muitos deles. É ela quem guia e identifica a companhia, representando o Sagrado.





Folia de Reis

A folia, também chamada de *companhia*, *embaixada*, *terno*, entre outros nomes, é formada por um grupo, na sua maioria composto por homens, que saem de casa em casa, em geral no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro (dia de Reis), contando em versos e canções a viagem dos Reis magos que, seguindo a estrela de Belém, foram visitar o Menino Jesus recém-nascido. Em cada parada pedem donativos para a realização de uma festa comunitária.









Palhaço

Muitas folias contam com o palhaço, em geral chamado *bastião* ou ainda *marungo*. Figura de um mascarado que pode ter variação numérica e de gênero: um, dois, três, somente homens, um casal. Sua presença recebe explicações diversas dos guias. Alguns dizem ser um brincante, outros que a função dele é chegar antes da folia e orientar o guia. O palhaço é uma figura importante na embaixada. Tem grande ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a folia. Em algumas regiões do país, não se tem o costume de utilizá-lo nas companhias. Há guias que acreditam que esta figura não deve aparecer por representar o diabo, sendo por vezes explicado como um soldado de Herodes que vai delatar a chegada do menino.











Giro

O giro é o nome dado ao período da caminhada da folia. Esta palavra também identifica o percurso do grupo. Por vezes usa-se também o termo *jornada*. Em tempos passados, as folias costumavam caminhar de noite, representando no giro a viagem dos três Reis. Ao longo desse período, pousavam nas casas do caminho. Assim, o grupo permanecia junto durante todo o tempo em que a folia *girava*.











Presépio

O presépio, por vezes também chamado de *lapinha*, é um conjunto de figuras que representa a cena do nascimento de Jesus e da adoração dos magos. Em alguns lugares toma proporções enormes, podendo ocupar até uma sala. Montado no mês de dezembro e tradicionalmente desmontado no dia de Reis, é na frente dele que a companhia costuma cantar uma série de versos, fazendo alusão a todas as figuras ali representadas.



Santos Reis

Os três Reis magos – Baltazar, Melchior e Gaspar –, conhecidos também como Santos Reis ou Reis do Oriente, foram os primeiros a visitar o menino Jesus, oferecendo-Lhe presentes (incenso, mirra e ouro). Considerados santos por muitos, são representados nos presépios e nas bandeiras das folias de Reis. Muitos embaixadores contam que os três Reis formaram a primeira folia do mundo, dando início a essa tradição.



Embaixador

Também chamado de *mestre*, *capitão*, *folião de guia*, é o responsável pela coordenação e manutenção do grupo e pela obediência de todos às regras e procedimentos necessários à tradição. Ele é quem dá o verso que será respondido por seu contramestre (ou contraguia, entre outros nomes) completando os dizeres já conhecidos e muitas vezes improvisados, de acordo com as situações encontradas pela folia.



Oferta

A oferta, também chamada de *prenda* ou *esmola*, é oferecida por uma família visitada pela bandeira para auxiliar na realização da festa comunitária que acontece ao fim do giro da companhia. Pode ser algum valor em dinheiro, um animal (galinhas, porcos, um boi) ou ainda algum alimento como arroz, macarrão, feijão, etc. Os foliões dizem que Santos Reis não pede esmola, que Ele tudo pode, e os devotos dão conforme suas possibilidades.



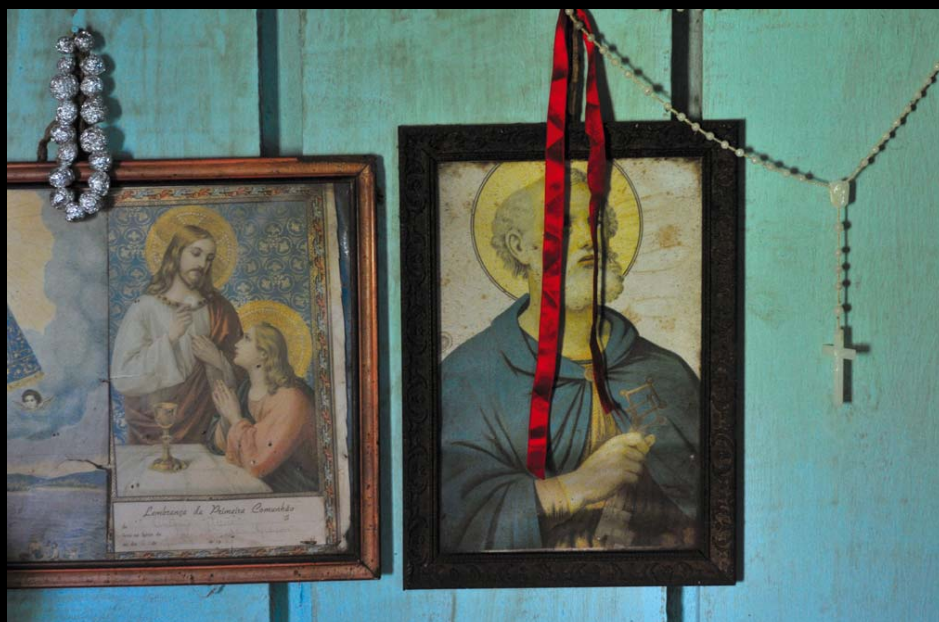






Bendito de mesa

Muitas famílias costumam fazer promessa de oferecer o almoço ou o jantar aos foliões. Por sua vez, eles costumam cantar e rezar agradecendo a comida que, durante o giro do grupo, é oferecida pelos donos das casas visitadas. O bendito de mesa cantado pelo grupo é uma bênção dos alimentos.







Chegada

A festa da chegada marca o retorno da bandeira, após o fim do giro. Ela poderá acontecer em lugares como a casa do festeiro, do embaixador, na igreja, entre outros. Comemoração e ritual, festa e fé misturam-se neste momento que encerrará a bandeira até o próximo ano.



Dia de Reis

Dia 6 de Janeiro é a data comemorativa que faz alusão aos três Reis magos. Tradicionalmente marca o encerramento do giro das folias e a realização da festa comunitária graças às ofertas recebidas.









Festeiro

Esta figura aparece em muitas festas populares. Ele (ou ela) será o responsável por coordenar a realização da festa e, no caso da folia, de suprir necessidades do grupo e dar apoio ao bom andamento do giro. Não raro é uma pessoa que fez promessa de empreender essa tarefa em agradecimento a uma graça recebida. Em geral, escolhe-se o festeiro um ano antes, muitas vezes por sorteio entre os candidatos.



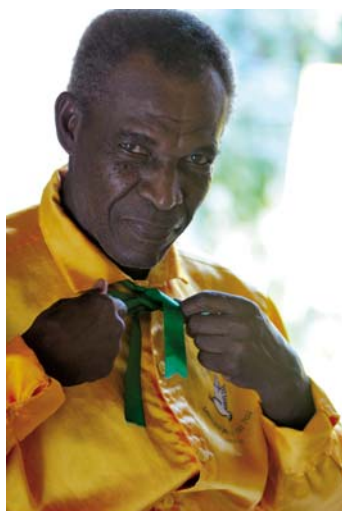




Grupo Mensageiros da Paz











Companhia de Santos Reis Grupo Menino Deus

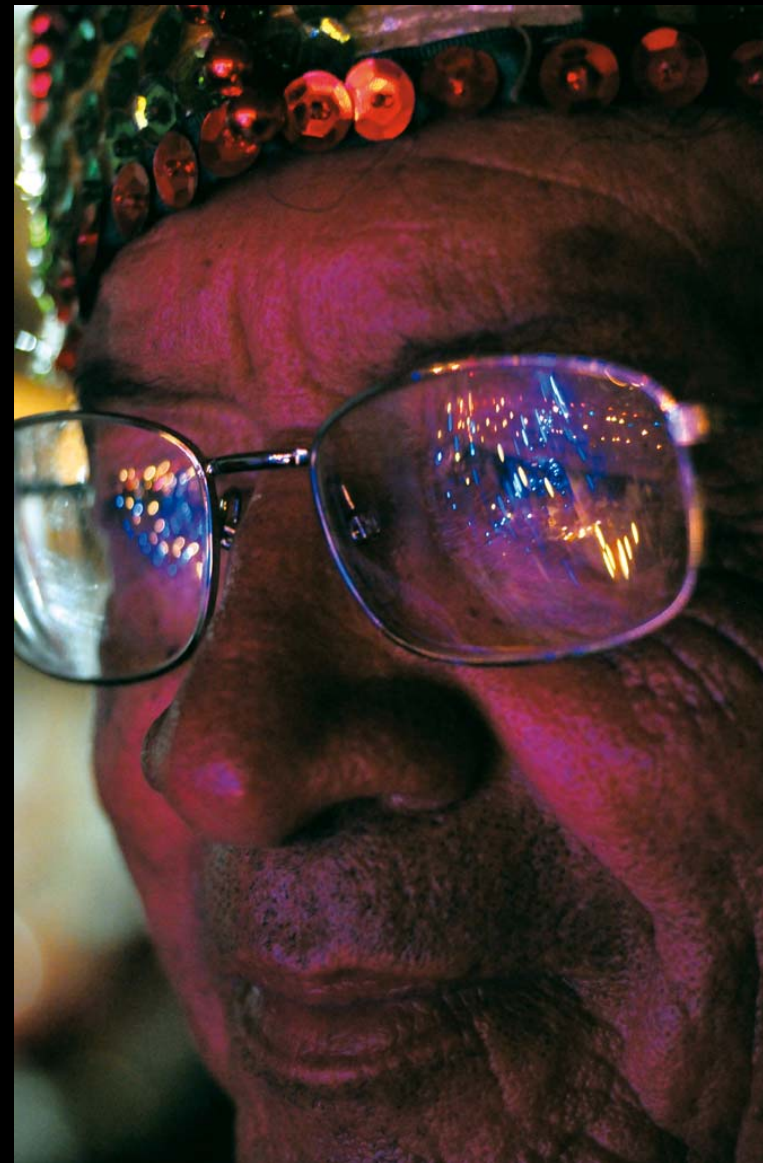








Grupo da Galileia











Companhia Nossa Senhora da Esperança



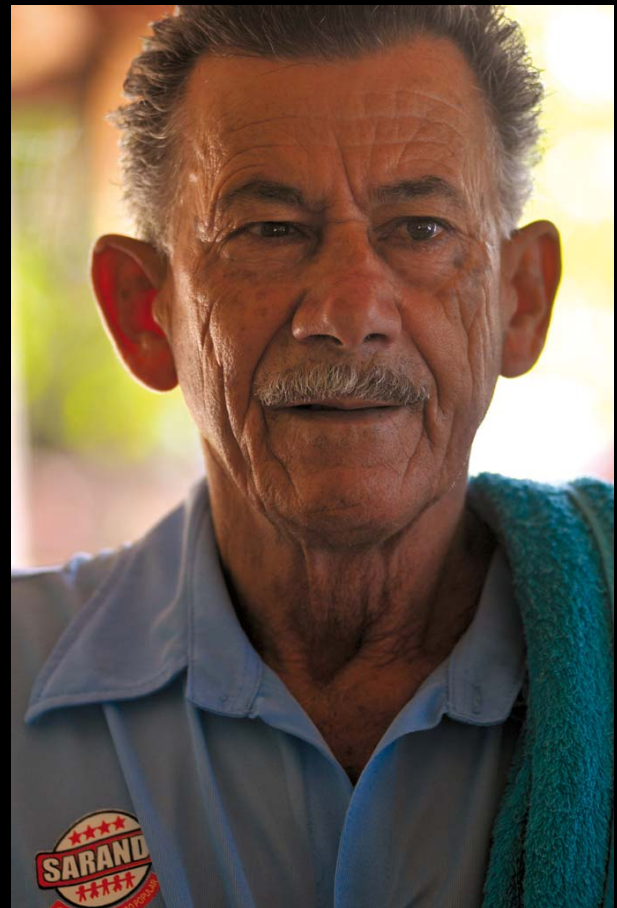








Companhia Adoração do Menino Deus

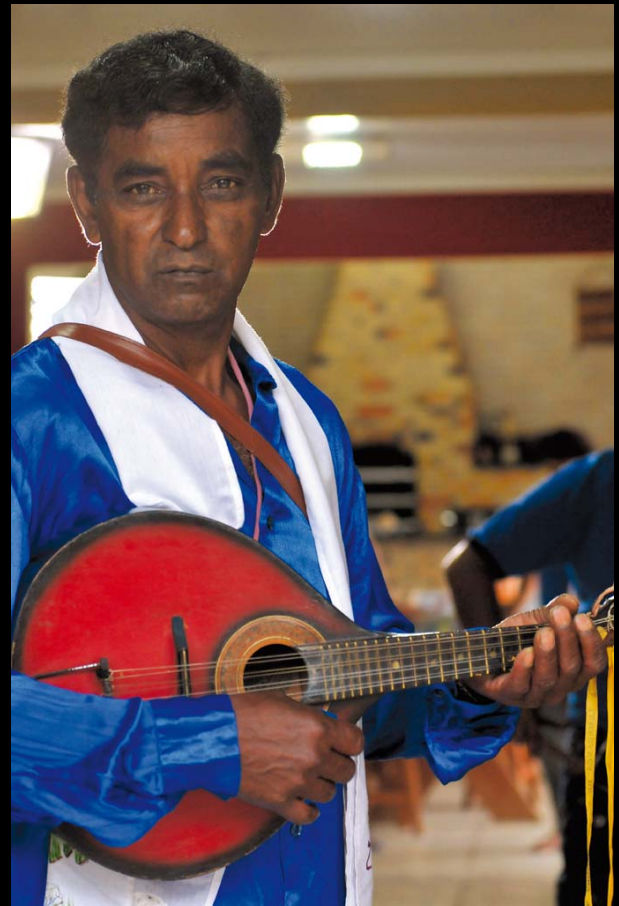








Companhia de Reis Bom Pastor





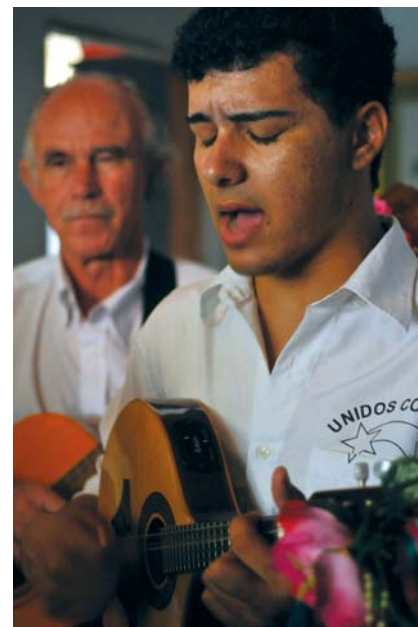




Companhia de Reis Unidos com Fé











Companhia de Santos Reis Estrela do Oriente









Companhia da Bandeira Esperança









Catálogo de Folias



GRUPO MENSAGEIROS DA PAZ

Londrina, PR

Integrantes*

Francisco Garbosi (Embaixador)
Claudio Azarias (Contramestre/Sanfona)
Alexandre G. V. Farias (Bastião)
Leonardo Garbosi (Bastião)
José I. Siqueira (Bastião/Viola)
Ivonete A. Garbosi (Bandeira)
Luiz Liberato (Viola)
Luiz Claudio Miguel (Violão)
Francisco Garbosi Farias (Caixa)
Maria do Carmo Garbosi (Pandeiro)
Benedito Garboza (Violão/Contralto)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Companhia fundada em 1989

Registros

GARBOSI, Francisco. **Mensagens e embaixadas de folia de Reis**. Londrina: Edição do autor, 1994.
GARBOSI, Francisco. **História, mensagens e embaixadas de folia de Reis: quem eram os magos?** Londrina: Edição do autor, 2002.
Grupo Mensageiros da Paz Londrina – PR – Ao vivo – Cultura de folia de Reis. AA 0001000. 1CD.

Contato

Rua Félix Chenso, 155, Conj. Semiramis, CEP 86088-040, Londrina, PR.



COMPANHIA DE SANTOS REIS GRUPO MENINO DEUS

Londrina, PR

Integrantes*

João Pracinha (Embaixador)
Sebastião Ramos Filho (Contramestre)
Verônica Augusta M. Oliveira (Bastiana)
Abílio José Ferreira (Bandeira)
Paulo Dionísio (Viola)
Salvador Tobias (Violão)
Welinton Aparecido Maciel de Oliveira (Caixa)
Gustavo Henrique S. Silva (Marungo)
Onofre Alves Ferreira.(Voz)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Companhia fundada no 2000

Registros

Companhia de Santos Reis Grupo Menino Deus. 1 CD. Edição do Grupo Menino Deus.

Contato

Rua Noel Rosa, 43, Jardim Meton, CEP 86035-530, Londrina PR.



GRUPO DA GALILEIA

Londrina, PR

Integrantes*

Pedro Peres (Embaixador)
 José Felipe de Paula Filho (Contramestre)
 Mauro Mineiro de Oliveira (Palhaço)
 José Benedito (Palhaço)
 Egídio Freire (Bandeireiro)
 Silvano Pereira (Viola)
 Sebastião A. da Silva (Violão)
 José Antonio Carrasco (Violão)
 Elpídeo Gonçalves Neto (Caixa)
 Castorino Leonel (Talinha).

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Companhia em atividade há cerca de 30 anos.

Registros

DVD **Grupo Galileia**. Edição do grupo. 2009.

Contato

Rua Araracanga, 274, Bairro Santa Rita 1, CEP 86071-470, Londrina, PR.



COMPANHIA DE REIS BOM PASTOR

Mandaguari, PR

Integrantes*

Valdecino Lourenço (Embaixador)
 Marcos Eduardo Vicente de Andrade (Palhaço)
 Jean Carlos Gomes Lourenço (Palhaço)
 Nayara Fernanda Vitor (Bandeireira)
 Lucas José dos Reis Lourenço (Violão)
 Sueli Costa Bravo (Caixa)
 Débora Cristina Vicente de Andrade (Pandeiro)
 Valéria Ribeiro Moreira (Reco-Reco)
 Maria José Lucinda (Requinta)
 Izabel Correia da Silva (Requinta)
 Anderson da Silva (Voz)
 Elaine Gonçalves Pereira (Voz)
 Paula Adriana Torres (Voz)
 Maycon Faustino Lourenço (Voz)
 João Henrique de Oliveira (Voz)
 Serafim Ferreira de Souza (Secretário)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Em atividade desde 1975.

Contato

Rua João Maroler, 126, Vila Progresso, CEP 86975-970, Mandaguari, PR.



COMPANHIA DE SANTOS REIS ESTRELA DO ORIENTE

Mandaguari, PR

Integrantes*

Manoel Maria Furtado (Embaixador)
Sebastião Maria Furtado (Contramestre)
Orvani Afonso de Souza (Contramestre)
Marcos Rodrigo Oliveira de Souza (Palhaço)
Ricardo de Andrade Pereira (Palhaço)
Dionísio Moreno Gonçalves (Bandeireira)
Antonio Carlos Vilalta (Sanfoneiro)
Wellington Fernando de Andrade Pereira (Caixa)
Sebastião Ambrosio dos Santos (Contralto)
Durval Adão Fernandes (Requinta)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Contato

Rua Garcia, 20, Jardim Boa Vista, CEP 86975-000, Mandaguari, PR.



COMPANHIA NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Sarandi, PR

Integrantes*

Laurindo dos Santos (Embaixador)
Antonio V. de Oliveira (Contramestre)
Romis Ribeiro (Palhaço)
Marcelo da Silva (Palhaço)
Lurdes Domingos Felisbino (Bandeireira)
Emerson José de Oliveira (Caixa)
Juraci Amaral (Caixa)
Simone Oliveira Resende (Caixa)
Luiz Carlos da Silva (Pandeiro),
João Jorge de Oliveira (Contrato)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Contato

Rua Dourados, 1946, Jardim Cruzeiro, CEP 87112-240, Sarandi, PR.



COMPANHIA ADORAÇÃO DO MENINO DEUS

Sarandi, PR

Integrantes*

Paulo Idio Rosa (Embaixador)
 José Simião Teixeira (Contramestre)
 Dirceu Marques (Palhaço)
 José Flora do Nascimento (Palhaço)
 Cássia Aparecida Rosa (Bandeira)
 Ataíde Faria do Carmo (Viola)
 Vital José da Rocha (Violão)
 Alexandre Batista de Oliveira (Cavaquinho)
 Paulo Jair Rosa (Caixeiro)
 Antonio Carlos Rosa (Pandeiro)
 Rosana Aparecida de Souza (Requinta)
 José Cristino (Requinta)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Companhia fundada em 1973

Registros

DVD **Folia de Reis Adoração do Menino Deus Distrito Vale Azul – Visitando as famílias.** Edição do grupo. 2010.

Contato

Rua Vale Azul, 221, Distrito Vale Azul, CEP 87111-970, Sarandi, PR.
 Caixa Postal 301 – Sarandi, PR



COMPANHIA DE REIS UNIDOS COM FÉ

Maringá, PR

Integrantes*

Gabriel Arcanjo Viana (Embaixador)
 Jhonatan Lucio Viana (Contramestre)
 José dos Reis Viana (Palhaço)
 Luana Cristina Meneguelli (Bandeira)
 José Augustinho de Oliveira (Viola)
 Luiz Felipe Lourenço (Violão)
 Roosevelt Carneiro de Freitas (Violão)
 Nelson Trovo Gonçalves (Violão)
 Lazaro Galdino de Mello (Violão)
 Servo Cardoso (Violão)
 Manoel Barbosa Dutra (Violão)
 Thiago Renato Reghini (Cavaquinho)
 Ângelo dos Santos (Caixa)
 Lucas Meneguelli (Pandeiro)
 José Maria França (Pandeiro)
 Valdemar Batıcıoto (Requinta)
 Marco Antonio Meneguelli (Tipe)
 Luzia Viana (Secretaria)
 Amanda Xavier de Mello (Tesoureira)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Ano fundação/Atividade

Companhia fundada em 1990

Registros

PINTO, Jorge Luiz Dias. **Os espaços da Folia de Reis em Maringá-PR:** o grupo Unidos com Fé Maringá, PR. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2010.
 SECRETARIA de Estado da Cultura do Paraná. **CD Cantos de Festa e de Fé – Tradições musicais paranaenses.** s/d. (Faixa 23)

Contato

Rua Monsenhor Fritz, 34, Conjunto Habitacional Requião,
 CEP 87047-449, Maringá, PR.



COMPANHIA DA BANDEIRA ESPERANÇA

Alto Paraná, PR

Integrantes*

Ademir Barbosa da Silva (Embaixador)

José Pereira (Contra Mestre)

Maria Porfírio Pereira (Bandeireira)

Claudeir José Pereira (Palhaço)

Claudemir Pereira (Palhaço)

Rafael Aparecido Pereira (Palhaço)

Otávio Moreira Francisco (Violão)

Odair Carneiro Batista (Violão)

Antonio Bento (Pandeiro)

*Mencionados os integrantes presentes durante a documentação realizada pelo projeto

Contato

Rua Pedro Américo s/n, Morro da Guerra, CEP 87750-000,

Alto Paraná, PR

Agradecimentos

A todas as Companhias de Reis do Norte do Paraná, aos foliões, a suas famílias e aos moradores visitados durante os giros dos grupos que nos receberam e dividiram conosco suas histórias e saberes.

A todos os embaixadores das companhias que nos auxiliaram ao longo de todo o processo.

Ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (Nead).

À Joaquim Soriano, Diretor do NEAD e sua equipe.

À equipe da Caixa Cultural Curitiba.

À Prefeitura Municipal de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Lei Municipal de Incentivo à Cultura e sua equipe.

À Diretoria de Patrimônio Artístico e Histórico Cultural da Prefeitura de Londrina, Vanda de Moraes, Regina Reis e equipe.

Aos amigos que nos ajudaram ao longo deste projeto: Deputado Dr. Rosinha, Domingos Moraes, Família Marchi, Kelly Cristiane da Silva e Daniel Schroeter Simião, Rafael Corrêa da Cunha.

Ficha Técnica

Coordenação geral

Lia Marchi

Realização

Olaria Projetos de Arte e Educação

Equipe de pesquisa de campo

Pesquisa e direção: Lia Marchi

Produção executiva: L. M. Stein

Diretor de fotografia: Toni Gorbi

Fotos: Gilson Camargo

Câmera: Marcelo Oliveira

Som direto: Vinícius Casimiro

Eletricista: Claudinei Macedo

Motorista: Nelson Ricardo de Oliveira

Site www.foliasnorteparana.com.br

Concepção e texto: Lia Marchi

Desig gráfico: Invisible Design | Paulo Oliveira

Fotos: Gilson Camargo

Edição dos vídeos: Alexsander Macedo

Revisão de texto: Caibar Pereira Magalhães Jr.

Livro

Pesquisa e concepção: Lia Marchi

Fotos: Gilson Camargo

Edição de imagens: Lia Marchi e Gilson Camargo

Projeto gráfico: Adalbacom | Adalberto Camargo

Revisão de texto: Caibar Pereira Magalhães Jr.

Assessoria de imprensa: Rodrigo Browne

Documentário

Roteiro e direção: Lia Marchi

Direção de produção: L. M. Stein

Produção executiva: Marinardes Marchi

Diretor de fotografia: Toni Gorbi

Câmera: Marcelo Oliveira

Som direto: Vinícius Casimiro

Eletricista: Claudinei Macedo

Motorista: Nelson Ricardo de Oliveira

Montagem: Silvia Hayashi

Mixagem: Luiz Adelmo

Colorista: Allan Almeida

Design gráfico: Adalbacom | Adalberto Camargo

Assessoria de imprensa: Rodrigo Browne

Este livro foi impresso no ano de 2012,
pela Gráfica e Editora Posigraf, no formato
230x230mm, em caracteres Rockwell e ITC
Officina Sans, sobre papel couché 115g, na
tiragem de 2.000 exemplares.

Incentivo



Realização



PROJETO INCENTIVADO PELO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA DO MUNICÍPIO DE CURITIBA

Pesquisa



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

